

# Semelhanças culturais entre Brasil e África

*O filme 'Na rota dos orixás' tem exibição única hoje, às 19h, no Icba, Corredor da Vitória*

**Ana Cristina Pereira**

**A**pesar de indiscutíveis, as ligações entre o Brasil e a África não são tão pesquisadas - ou pelo menos divulgadas - como poderiam. No cinema, por exemplo, são poucos filmes e documentários sobre o assunto, como constatou o diretor candombeiro Renato Barbieri. Ele é o idealizador do projeto Atlântico Negro, cujo principal objetivo é investigar as relações entre países africanos e o Brasil e transformá-las em quatro filmes.

O primeiro deles é *Na rota dos orixás*, documentário que abriu o último Festival de Brasília - levou o prêmio Câmara de Cinema - e tem exibição hoje, às 19h, no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, com entrada franca. Após a sessão, acontece debate com a presença do diretor. Com roteiro do próprio Barbieri, em parceria de Victor Leonardi, o curta faz a ponte entre as duas culturas através da religião, primeiro aspecto explorado pelo cineasta. A ideia é mostrar como nas longas viagens marítimas, escravos e ex-escravos trouxeram e levaram influências de um continente a outro.

"Desde 1988 vinha idealizando este projeto. Sempre me questionei, por exemplo, de onde teriam vindo os escravos que chegaram ao Brasil e como seriam esses lugares", afirma Barbieri, acrescentando que esse tipo de informação só é encontrada em livros raros. "Percebi que era um terreno virgem", diz Barbieri, que usou como uma das fontes de pesquisas os estudos antropológicos de Pierre Verger.

*Na rota dos orixás* foi filmado entre dezembro de 1997 e fevereiro de 1998, fazendo a seguinte trajetória: Mara-



Divulgação

**Dirigido por Renato Barbieri, 'Na rota dos orixás' faz parte do projeto Atlântico Negro, que contará com outros três documentários**

nantes", afirma Barbieri, citando como exemplo o de um sacerdote, que recebeu uma mensagem em som (língua mais falada no Benin) mandada pelo sacerdote maranhense Pai Euclides, uma das autoridades religiosas daquele estado.

Pai Euclides é um dos maiores representantes do Tambor de Minas, tradição religiosa trazida da África e mantida fortemente no Maranhão, onde há cerca de dois mil terreiros cultuando os vodus. A outra ponte religiosa se completa com o candomblé baiano, retratado através da filmagem em terreiros durante os festejos de lemanjá, e também através de depoimentos de religiosos (Mãe Stella de Oxossi, Mãe Detinha) pesquisadores (Júlio Braga, João Reis, Juanita Albañez) e de representantes dos blocos afros Ilê Aiyê e Malê Debalê.

A exibição de *Na rota dos orixás* na Bahia é uma parceria do Setor de Cinema da UFBA, Unegro, Icba e Videocinegrafia Criação e Produção, de Brasília. Há programadas exibições no Maranhão, no Benin e participação da fita em festivais nacionais e internacionais. Os outros documentários do projeto Atlântico Negro, informa Renato Barbieri, encontram-se em fase de pesquisa e pré-produção. Na sequência, o diretor aborda os seguintes aspectos: arte e música, trabalho e riqueza e cooperação Brasil/Africa.

nhão/Benin/Bahia. Na África, o trabalho contou com consultoria do fotógrafo Milton Gurau, que está preparando uma tese de doutoramento sobre os escravos que retornaram à África. Neste movimento de volta, o Benin, de onde saiu boa parte dos escravos trazidos para o Brasil, é o principal endereço. Por isso mesmo o país, antiga Daomé, foi escolhido pela produção do documentário para rea-

lizar as filmagens africanas.

Renato Barbieri conta que ficou surpreso com a receptividade positiva que tiveram no Benin, inclusive com o acesso a detalhes dos cultos religiosos, o que facilitou muito a produção. "As pessoas são muito curiosas sobre o Brasil, porque todas as notícias que chegam lá sobre a gente é via agências de notícias euro-

péias, um olhar completamente diferente do nosso" afirma.

No Benin, a equipe visitou lugares como a cidade de Uidá, localidade que concentrou os ex-escravos baianos e pernambucanos que retornaram à África. Até hoje, os descendentes se definem como brasileiros, preservando tradições como o lundu, que não existe mais no Brasil. "Há depoimentos muito emocionais", afirma Barbieri.